

## GÊNERO PARÁBOLA: REFLEXO NA FORMAÇÃO SOCIAL DO ALUNO

Sumara de Jesus Barbosa da CRUZ (G-UFPA)  
Elson de Menezes PEREIRA (UFPA)

### **RESUMO**

Este artigo tem como objetivo apresentar os resultados que a autora, enquanto professora da Educação Infantil, tem alcançado por incluir em sua metodologia a prática de contação de parábolas bíblicas. São descritas práticas didáticas desenvolvidas nos anos de 2012 a 2015. Argumenta-se que o uso do gênero parábola promoveu aprendizagens correlacionadas a práticas de respeito mútuo e valores éticos e morais. As ponderações aqui descritas baseiam-se teoricamente nos trabalhos elaborados pelo Professor David Tripp, que tem realizado em diversos países trabalhos com pesquisa-ação, tipo de pesquisa desenvolvido pela autora em sua prática docente e os PCN's de Língua Portuguesa, pois eles norteiam grande parte dos trabalhos práticos nas salas de aulas do país. As experiências neste relatadas decorreram na Escola Municipal de Ensino Infantil Cantinho do Amor, na cidade de São Sebastião da Boa Vista. Serão apresentados resultados que refletiram na convivência escolar e familiar de alguns desses discentes.

**Palavras-chave:** Pesquisa-ação. Educação Infantil. Parábolas Bíblicas.

### **INTRODUÇÃO**

A escola é um espaço importante para o processo de socialização da criança. E o professor é o agente fundamental na aprimoração do conhecimento social e na compreensão que as crianças têm do mundo social e suas singularidades. Desta forma, este trabalho pretende demonstrar através de relatos de experiências docentes de que forma, por meio de uso do gênero parábola, o professor pode promover aprendizagens correlacionadas à prática do respeito mútuo e valores éticos e morais bem como a construção da capacidade de se relacionar e interagir com os outros.

O gênero parábola, mais especificamente as bíblicas, foi escolhido para que as práticas didáticas fossem executadas, esta escolha ficou a critério da docente por acreditar que este gênero seria primordial para alcançar o objetivo desejado. As parábolas se utilizam de situações fictícias vivenciadas por pessoas que nos proporcionam relacioná-las com a realidade, suas histórias sempre transmitem uma lição ética (a moral da história). Cabe esclarecer que a escolha do gênero não enfrentou resistência, pois desde o início dos trabalhos foi esclarecido a quem interessasse que o objetivo do uso de parábolas bíblicas não implicava em impor uma religiosidade, mas se valer delas para por em prática os trabalhos a serem desenvolvidos, sem contar que poderiam também colaborar em outros aspectos do desenvolvimento da criança como, por exemplo, desenvolver o hábito da leitura como um momento de prazer e construção de conhecimento.

Argumenta-se que o uso do gênero parábola promoveu aprendizagens correlacionadas a práticas de respeito mútuo e valores éticos e morais. As ponderações aqui descritas baseiam-se

teoricamente nos trabalhos elaborados pelo Professor David Tripp, que tem realizado em diversos países trabalhos com pesquisa-ação, tipo de pesquisa desenvolvido pela autora em sua prática docente e os PCN's de Língua Portuguesa, pois eles norteiam grande parte dos trabalhos práticos nas salas de aulas do país.

## A PRÁTICA DOCENTE: INTERSECÇÕES EMPÍRICAS E TEÓRICAS

As experiências descritas neste documento ocorreram durante o período de 2012 e 2015, estas correspondem ao trabalho docente exercido na Escola de Ensino Infantil Cantinho do Amor, escola da rede municipal de educação, localizada no município de São Sebastião da Boa Vista, estado do Pará. Ao observar que todas as vezes que eram trabalhadas aulas que continham contação de histórias as crianças dedicavam toda sua atenção, esta pesquisadora percebeu que, parábolas bíblicas seriam uma importante fonte de aprendizado para desmistificar os problemas de preconceito que surgiam em suas aulas, uma vez que essas parábolas sempre trazem consigo um ensinamento ético e moral.

Considerando a imensa curiosidade dos discentes quanto os acontecimentos ocorridos e quais fins teriam as parábolas contadas, a autora adotou essa prática quase que diariamente, sempre no início das aulas, seguida de reflexão e aconselhamentos acerca do ensinamento repassado pela história escolhida para ser contada naquela aula, por vezes os próprios alunos relatavam algum fato que correspondia ao texto. Lembro-me que em determinada aula onde era lida a “parábola do filho pródigo”<sup>1</sup> iniciei uma reflexão sobre a importância da escola como fundamental instituição de preparo para o futuro, a importância da família, onde começam a serem formadas as primeiras noções de respeito e valorização a vida de si mesmo e dos outros e de como preservar na vida a boa relação com os amigos, a família e a sociedade.

Outro momento interessante dessa prática que juguei relevante apresentá-lo neste documento aconteceu em uma aula que os alunos expressaram o desejo de ouvir uma história bíblica, contei-lhes a passagem em que um homem perguntava para Jesus quantas vezes deveria perdoar a pessoa que havia lhe ofendido, a resposta de Jesus, que ele deveria perdoar setenta vezes sete, surpreendeu as crianças<sup>2</sup>. Aproveitei o momento para abrir uma conversa sobre a importância de se desculpar quando ofendemos alguém, falei sobre o perdão ser a forma de esquecer se alguém

<sup>1</sup> História bíblica que conta os desastrosos acontecimentos na vida de um rapaz que decidiu pedir sua herança, largar tudo e ir embora, sem se importar com sua família e seu futuro, pelo puro desejo de viver uma vida sem responsabilidade (Lucas. Capítulo 15. Versículos 01 a 32)

<sup>2</sup> Mateus. Capítulo 18. Versículos 21 e 22.

nos machucou com atos ou palavras e que o perdão é muito importante para união em todos os meios sociais.

Este trabalho foi norteado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (PCN's) que em um de seus objetivos gerais aponta que o aluno deve ser capaz de “valer-se da linguagem para melhorar a qualidade de suas relações pessoais, sendo capazes de expressar seus sentimentos, experiências, ideias e opiniões, bem como de acolher, interpretar e considerar os dos outros, contrapondo-os quando necessário (BRASIL, 1997, p. 33). Nesta esteira o texto também ressalta que o aluno precisa ser capaz de “compreender a cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, no dia-a-dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito” (BRASIL, 1997, p.7).

Outrossim, as atividades desenvolvidas por esta pesquisadora coincidem com pressupostos caros as premissas da modalidade de pesquisa-ação. David Tripp (2005) esclarece que o termo pesquisa-ação é “toda tentativa continuada, sistemática e empiricamente fundamentada de aprimorar a prática”. Esta definição corrobora o entendimento desta pesquisadora de que usar o gênero parábola para trabalhar o desenvolvimento social do aluno “não se trata de pesquisa-a-ser-seguida-por-ação, ou pesquisa-em-ação, mas pesquisa-como-ação” (COOKE, s.d., p. 7, apud, TRIPP, 2005, p. 452).

Em educação, o pesquisador tem em mira contribuir para o desenvolvimento das crianças, o que significa que serão feitas mudanças para melhorar a aprendizagem e a auto-estima de seus alunos, para aumentar o interesse, a autonomia ou a cooperação e assim por diante. (TRIPP, 2005, p. 457).

Tripp (2005) elenca cinco modalidades de pesquisa-ação (pesquisa-ação técnica/pesquisa-ação prática/pesquisa-ação política/pesquisa-ação socialmente crítica e pesquisa-ação emancipatória). Com efeito, a prática desenvolvida por esta pesquisadora se inclui na modalidade “pesquisa-ação prática” uma vez que o “pesquisador escolhe ou projeta as mudanças feitas”, no sentido de tomar as decisões visando o que será melhor para os atores envolvidos. O pesquisador assim tem total autonomia para estabelecer “seus próprios critérios para qualidade, beleza, eficácia, durabilidade e assim por diante”.

## **RELATO DE EXPERIÊNCIA**

O desenvolvimento do trabalho partiu de observações feitas na turma durante as contações de histórias. Eram momentos em que se tinha a atenção e o interesse de todos, a partir desta

constatação percebi que poderia usar essa atenção e interesse para desenvolver um trabalho voltado para a formação social dos alunos. Não contar historias somente por contar ou para entreter ou até mesmo somente para passar tempo, mas transformar as aulas de contação de historias em momentos de prazer e aprendizado. O objetivo neste momento era trazer aprendizados éticos e morais.

As turmas de educação infantil, a exemplo de turmas de outras faixas etárias, são formadas por crianças que tem suas diferenças cognitivas, físicas e sociais. Nesta idade o que se aprende no lar está muito fluente e presente na vida escolar. As circunstancias são variadas: pais separados; cuidado excessivo; falta de carinho e atenção; lares violentos. Quando percebi essas diferenças sociais adicionei a minha lista de temas a serem abordados.

Por envolver a contação de historias, método que para os discentes era agradável e aceitável, o trabalho sempre contou com a participação ativa dos mesmos. Os objetivos envolvendo aprendizagens correlacionadas a práticas de respeito mútuo e valores éticos e morais, ficavam claro ao final de cada parábola bíblica contada. Os alunos interagiam quase sempre, por vezes faziam relação das parábolas contadas com alguma situação vivenciada por eles ou por alguém próximo a eles.

As crianças muitas vezes faziam relatos de casos vivenciados nos lares, muitos desses de cunho particular, algumas vezes era preciso conversar com a criança a fim de que as situações vivenciadas por elas não acabassem causando um efeito negativo em suas vidas. Desta forma a escolha de parábolas bíblicas para o desenvolvimento do trabalho foi se mostrando adequada, pois era preciso usar historias que envolvessem situações vivenciadas na realidade humana.

Os ajustes e aprimoramentos do trabalho foram acontecendo gradativamente. Foi necessário avaliar com que frequência as parábolas poderiam ser contadas, para que não viesse se tornar repetitivo e sem interesse, era preciso também observar quais dias seriam propícios para contar a historia pois apesar das crianças gostarem bastante de ouvir historias, não eram todos os dias que as crianças demonstravam interesse. Percebi que as parábolas com ilustração prendiam mais a atenção das crianças, sem contar que adicionar as contações uma pitada de teatralidade fazia com que esses momentos se tornassem agradáveis e prazerosos. Também constatei que seria interessante intercalar as contações com outros tipos de histórias, mas sempre envolvendo textos com o mesmo cunho de semântico e pragmático. Foi então que adicionei ao trabalho as fábulas, pois estas também trazem consigo um ensinamento ético e moral.

Os resultados começaram a aparecer em curto prazo. Foram percebidas algumas mudanças de comportamento, a turma se tornou mais harmoniosa, unida, obediente, cuidadosos uns com os outros, demonstravam preocupação com o ambiente, como por exemplo, em manter a sala limpa,

não riscar mesas e cadeiras. O resultado mais expressivo no primeiro ano que o trabalho foi colocado em prática, no ano 2012, veio por meio de um telefonema que recebi de uma mãe expressando que estava muito agradecida, ela relatou que o comportamento de seu filho estava sofrendo mudanças muito positivas e que na casa ele sempre citava os ensinamentos repassados pela professora através das histórias contadas, por isto ela atribuía a professora a mudança de comportamento de seu filho. Foi a partir daí que pude avaliar que o trabalho desenvolvido estava alcançando resultados que potencializaram aprendizagens curriculares dos chamados currículo formal e não formal<sup>3</sup>.

Acredito que a infância é a fase da vida que se está mais propício ao aprendizado. Preocupada com formação social de meus discentes, foi que inclui em meus objetivos profissionais e também pessoais - pois não deixa de ser uma realização pessoal quando você percebe que tem participação no momento em que ver estes pequeninos praticando atitudes de respeito e valores para com os outros – fomentar aprendizagens que tenha como princípio a convivência harmoniosa e respeitosa de homens e mulheres.

Ressaltando o papel imprescindível do planejamento, em toda e qualquer atividade pedagógica, deixo aqui meu desejo de que este documento possa despertar em muitos colegas de profissão a vontade de desenvolver trabalhos voltados para a prática do respeito mútuo e valores éticos e morais.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este artigo propôs demonstrar como está autora tem desenvolvido trabalhos voltados para o processo de socialização de crianças na educação infantil, foram mencionadas experiências docentes vivenciadas no percurso profissional desta, assim como os resultados refletidos na escola e na família. Destaca-se a escolha do gênero, que foi de muita valia no decorrer da pesquisa-ação.

Os gêneros usados pelos docentes na educação infantil são os mais variados, por tanto, quando se opta por um para em prática uma ação cujos resultados refletirão diretamente na vida do educando, é preciso observar e avaliar dentre as muitas opções, a que melhor se encaixa no perfil

---

<sup>3</sup> Ver SACRISTÁN, J. G. Currículo e diversidade cultural. In: SILVA, T. T.; MOREIRA, F.(Orgs). **Territórios contestados:** o currículo e os novos mapas políticos e culturais. Petrópolis: Vozes, 1995.

dos envolvidos e que auxiliará diretamente no alcance dos objetivos, bem como a que proporcionará aos envolvidos uma aprendizagem construtora e prazerosa.

Faz-se necessário frisar que o docente precisa ter um olhar voltado pra a construção do caráter social de seus alunos, não vê-los apenas como um receptáculo de conhecimento técnico, mas como um ser com muito mais necessidades, inclusive as sociais, pois muitos chegam à escola sem uma atenção emocional por parte da família, e os motivos são diversos: pais que trabalham o dia inteiro, lar violento, problemas com vícios, enfim se muitos de nós sente-se um agente transformador de vidas, devemos começar olhando pelo lado social de nossos educandos, desta forma atingiremos diretamente o alvo almejado para que haja a transformação que buscamos efetuar na vida destes.

É importante ressaltar que não esta se propondo que a escola tome para si a responsabilidade que primeiro é da família, nem que o educador ocupe o lugar dos pais nesse aspecto, mas trazer a lembrança que em muitos discursos o professor é visto como exemplo a ser seguido e também taxado como alguém que marca a vida de seu aluno, então se somos vistos desta forma como um “norte” para a vida de muitos, podemos sim incluir em nossas práticas pedagógicas atividades voltadas para o social e assim ajudar a conduzir nosso alunos na “direção” certa.

Enfim, este documento para alguns pode parecer uma fantasia de uma sonhadora, pois com o aumento da violência e da desvalorização da vida, muitos estão desacreditados de mudanças no caráter social das pessoas, porém se não tentarmos como saberemos se daria certo ou não? É melhor fracassar tentando do que viver com a culpa de não ter tentado, e como bem expressa o Professor Tripp “você não está buscando como fazer melhor alguma coisa que você já faz, mas como tornar o seu pedaço do mundo um lugar melhor em termos de mais justiça social”.

## **REFERÊNCIAS**

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa – Ensino de 1<sup>a</sup> a 4<sup>a</sup> série.** Brasília, 1997.

TRIPP. David. **Pesquisa-ação:** uma introdução metodológica. Universidade de Murdoch. 2005.